



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

Gestão "Que nossas
vozes ecoem vida-
liberdade" (2023-2026)

PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de
PULSAR
RESISTENCIA
para NOSSA
EXISTENCIA

Planejador mensal
inspirado na **Agenda
2025 Assistente Social**,
com o calendário
de lutas do Serviço
Social brasileiro,
para auxiliar
na organização
das tarefas e
compromissos
cotidianos! Use seu
celular para escanear
o QR code e ter acesso
a textos e outros
extratos da Agenda!

SIGA O CFESS
NAS PRINCIPAIS
REDES SOCIAIS!



@CfessOficial



ESCREVA SEU NOME



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)



P.2

APRESENTAÇÃO

DIRETORIA

Presidenta: Kelly Melatti (SP)
Vice-presidenta: Marciângela Gonçalves (AL)
1ª Secretária: Emilly Marques (ES)
2ª Secretária: Alana Barbosa Rodrigues (TO)
1º Tesoureiro: Agnaldo Engel Knevitz (RS)
2º Tesoureira: Larissa Gentil Lima (MT)
CONSELHO FISCAL
Jussara de Lima Ferreira (RJ)
Angelita Rangel Ferreira (MG)
Elaine Amazonas Alves dos Santos (BA)

SUPLENTE

Ubiratan de Souza Dias Junior (SP)
Mirla Cisne Álvaro (RN)
Karen Albini (PR)
Tales Willyan Fornazier Moreira (MG)
Adriana Soares Dutra (RJ)
Iara Vanessa Fraga de Santana (CE)
Raquel Ferreira de Alvarenga (PB)

REALIZAÇÃO

Comissão de Comunicação CFESS
Emilly Marques (coordenação),
Alana Rodrigues, Angelita Rangel,
Iara Santana e Kelly Melatti

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Diogo Adjuto - JP/DF 7823
Rafael Werkema - JP/MG 11732

*As ilustrações da capa e das divisórias da Agenda 2025 são recortes digitais e fotomontagens de Rafael Werkema, a partir de pesquisa iconográfica em banco de imagens (Freepik) e de imagens criadas por meio de inteligência artificial generativa (Discord). O resultado final de todas as ilustrações contém recriações, montagens e outros tipos de intervenções gráficas (vetorização, recortes digitais, desenhos livres) do designer, para que as mesmas dialogassem diretamente com o conteúdo editorial da Agenda.

PROJETO EDITORIAL, ELABORAÇÃO DE TEXTOS, ORGANIZAÇÃO E SELEÇÃO DE CONTEÚDO (INCLUSIVE FILMES, MÚSICAS E TRECHOS)

Paulo Wesley Maia Pinheiro

PROJETO GRÁFICO, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E ILUSTRAÇÕES*

Rafael Werkema com colaboração de Karlla Braga (estagiária sob supervisão)

FALE CONOSCO

SHS Quadra 6 - Bloco E - 20º andar
CEP: 70322-915 - Brasília - DF
Fone + 55 (61) 3223-1652
cfess@cfess.org.br - www.cfess.org.br

CFESS NAS REDES SOCIAIS!



Imprima este planejador para organizar seus compromissos diários! Ele está formatado em A4 (paisagem)



Abra o tocador "Spotify" no celular, vá em "buscar" no aplicativo e, no canto superior direito, clique na câmera para escanear este código!



Diponibilizamos também o planejador para computador e fundos de tela!

Olá, assistente social! O planejador 2025 chegou! O material é um extrato da Agenda produzida anualmente para a categoria e tem o intuito de contribuir para fortalecer e dar visibilidade ao Serviço Social e seu projeto ético-político.

Você pode imprimir este material ou utilizá-lo na versão digital (computador) e, além do acesso ao conteúdo teórico-político produzido para a Agenda Assistente Social 2025, você tem em mãos uma publicação prática, para agendar seus compromissos mensais e conhecer as datas de lutas.

Em 2025, o calendário gregoriano anuncia a aurora de um novo ano, evocando os ritos de passagem e os seus símbolos festivos, que sempre inspiram para possibilidades de transformação. E a busca pela transformação tem sido uma constante para o Conjunto CFESS-CRESS, se articulando com os sujeitos individuais e coletivos que miram outra sociabilidade.

Sabemos que não tem sido fácil. A superação do conservadorismo tem esbarrado nas fronteiras estruturais e nas dificuldades cotidianas das pessoas que vivem da venda de sua força de trabalho. Assoberbadas(os) por uma carga horária inesgotável, os afazeres nos arrancam os dias, afogando-nos num calendário que teima em correr cada vez mais rápido.

Diante da necessidade de fortalecer as lutas, sabemos que o tempo da mudança precisa ser construído e, para isso, é preciso criar as condições de uma democracia para além da formalidade, da representatividade e da participação parcial. Não há nem haverá democracia real sem condições materiais para que todas as pessoas possam vivenciar o seu tempo, concretizar suas potencialidades, efetivar sua humanidade.

Por isso, ainda que espremidos pelo tempo do capital, o Serviço Social brasileiro demarca o compromisso ético-político pela superação da unidade exploração-opressão, organizando seus esforços nas lutas contra o racismo, o heterocispatriarcado e todas as formas de discriminação, preconceitos e desigualdades sociais.

É tempo e espaço de resistir e resistir em unidade. A luta pela superação do conservadorismo e do neoliberalismo é uma construção coletiva. Afinal, mais do que produzir dentro deste tempo, sabemos que podemos fazer história.

Caprichamos na escolha editorial e gráfica, com textos, músicas, poesias e imagens inspiradoras. Afinal, nesse espremer de tempos da vida, nossa luta cotidiana exige o oxigênio da arte. Porque o que a gente pretende e deseja é que nosso material faça pulsar o nosso compromisso ético e nossa resistência, pela e para nossa existência!

A luta pela superação do conservadorismo e do neoliberalismo é uma construção coletiva. Afinal, mais do que produzir dentro deste tempo, sabemos que podemos fazer história. Quando retratamos o acúmulo político de nossa profissão, conhecemos nossos desafios, reconhecemos nossos compromissos e sabemos que, como nos disse Brecht, neste tempo de "arbitrariedade consciente e humanidade desumanizada", nada deve parecer impossível de mudar.

Conselho Federal de Serviço Social (CFESS)
Gestão 2023-2026 - Que nossas vozes ecoem vida-liberdade



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)



CALENDÁRIO 2024

JANEIRO							FEVEREIRO							MARÇO							ABRIL									
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D			
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31

1º JAN Confraternização Universal 13 FEV Carnaval 29 MAR Paixão de Cristo 21 ABRIL Tiradentes
1º MAIO Dia do/a Trabalhador/a 30 MAIO Corpus Christi 7 SET Independência 12 OUT N. Sra. Aparecida
2 NOV Finados 15 NOV Procl. República 20 NOV Consciência Negra 25 DEZ Natal

CALENDÁRIO 2026

JANEIRO							FEVEREIRO							MARÇO							ABRIL																																								
S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D	S	T	Q	Q	S	S	D																																		
5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31				
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	1	2																													



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR RESISTÊNCIA** PARA NOSSA EXISTÊNCIA
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.4

JANEIRO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
		01	02	03	04	05
06	07	08	09	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 01 - Confraternização Universal
- 07 - Liberdade Religiosa / Liberdade de Culto
- 09 - Aniversário da Lei 10.639/2003, que inclui na Rede de Ensino a Obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira"
- 21 - Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa
- 24 - Comemoração da Lei Eloi Chaves (1923), marco da Previdência Social no Brasil, e fundação do MST
- 28 - Dia Nacional de Combate ao Trabalho Escravo contemporâneo
- 29 - Dia Nacional da Visibilidade Trans



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de pulsar resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.5

FEVEREIRO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28		



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 7 - Dia Internacional dos Povos Indígenas
- 24 - Aniversário da conquista do voto feminino no Brasil
- 28 - Dia Internacional e Nacional das Pessoas com Doenças Raras



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR RESISTÊNCIA** para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.6

março

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30
31						



CALENDÁRIO DE LUTAS

04 - Carnaval

08 - Dia Internacional de luta das Mulheres

13 - Aniversário do Código de Ética da/o Assistente Social

14 - Assassinato de Marielle Franco (no RJ a data é conhecida como – “Dia Marielle Franco de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra”)

21 - Dia Internacional da Eliminação da Discriminação Racial e Dia Internacional da Síndrome de Down

30 - Dia Mundial da Juventude



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)



P.7

ABRIL

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
	01	02	03	04	05	06
07	08	09	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 2 - Dia de Conscientização sobre o Autismo
- 06 - Aniversário da Política Nacional de Saúde Mental (lei 10.216/2001)
- 07 - Dia Mundial da Saúde
- 17 - Dia Nacional de Luta pela Reforma Agrária e Dia Internacional das Lutas Camponesas
- 18 - Sexta-feira da Paixão
- 19 - Dia Nacional de Luta dos Povos Indígenas
- 21 - Tiradentes
- 24 - Dia Nacional da Libras
- 24 - Dia Nacional da Trabalhadora Doméstica
- 28 - Dia internacional da Educação



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.8

MAIO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
			01	02	03	04
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 01 - Dia Internacional do/a Trabalhador/a
- 01 - Dia Nacional de Combate ao Assédio Moral
- 15 - Dia da/o Assistente Social
- 17 - Dia internacional de Combate à LGBTQIA+fobia
- 18 - Dia internacional da Luta Antimanicomial e Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual Infanto-Juvenil
- 25 - Dia do/a Trabalhador/a Rural e Dia Nacional dos Povos Ciganos
- 28 - Dia Mundial da Saúde da Mulher e Dia Nacional de Redução da Mortalidade Materna



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR RESISTÊNCIA** para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P. 9

JUNHO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
						01
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 05 - Dia Mundial do Meio Ambiente
- 06 - Aniversário da Lei 8.662/93 que Regulamenta a Profissão de Assistente Social
- 12 - Dia Mundial de Enfrentamento ao Trabalho Infantil
- 15 - Dia Mundial de Enfrentamento à Violência contra a Pessoa Idosa
- 18 - Dia do Orgulho Autista
- 19 - Corpus Christi
- 20 - Dia Mundial da(o)s Refugiada(o)s
- 21 - Dia Internacional Da Educação Não Sexista
- 26 - Dia Internacional De luta contra a Tortura e Dia Internacional Da Luta Contra o Abuso e o Tráfico de Drogas
- 27 - Dia Mundial do Orgulho LGBTQIA+



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de pulsar resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.10

JULHO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
	01	02	03	04	05	06
07	08	09	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			



CALENDÁRIO DE LUTAS

6 - Aniversário de Promulgação da Lei Brasileira de Inclusão (LBI) da Pessoa com Deficiência (2015)

13 - Aniversário do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (1990)

14 - Dia Mundial da Liberdade de Pensamento

25 - Dia Internacional da Mulher Negra Latino - americana e Caribenha.



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



p.11

AGOSTO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
				01	02	03
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

CALENDÁRIO DE LUTAS

07 - Aniversário da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/06)

09 - Dia Internacional de luta dos Povos Indígenas

12 - Dia de Luta contra a Violência no Campo

19 - Dia de Luta do Movimento Nacional Da População em Situação de Rua e Dia Nacional do Orgulho Lésbico

29 - Dia Nacional da Visibilidade Lésbica

30 - Dia de Conscientização sobre Esclerose Múltipla





PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.12

setembro

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					



CALENDÁRIO DE LUTAS

06 - Dia internacional de luta pela igualdade das mulheres

07 - Dia do Grito dos/as Excluídos/as e Independência do Brasil

19 - Congresso da Virada (realizado em São Paulo, de 19 a 23 de setembro de 1979)

21 - Dia Nacional de Luta das Pessoas com Deficiência

23 - Dia Internacional Contra a Exploração Sexual e o Tráfico de Mulheres e Crianças

26 - Dia Nacional da Pessoa Surda

28 - Dia Latino-Americano e Caribenho pela Descriminalização e Legalização do Aborto



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)



p.13

OUTUBRO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
		01	02	03	04	05
06	07	08	09	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 01 - Dia Nacional da Pessoa Idosa e Aniversário do Estatuto da Pessoa Idosa (lei 10.741/2003)
- 05 - Aniversário da Constituição Cidadã (05/10/2018)
- 10 - Dia Nacional de Luta Contra a Violência à Mulher e Dia Mundial da Saúde Mental
- 11 - Dia Internacional da Menina
- 12 - N. Sra. Aparecida
- 15 - Dia da Professora e do Professor
- 17 - Dia Internacional Para Erradicação da Pobreza
- 28 - Dia da Servidora e do Servidor Público



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de pulsar resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P. 14

NOVEMBRO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30



CALENDÁRIO DE LUTAS

- 02 - Finados
- 04 - Dia da Favela
- 15 - Proclamação da República
- 20 - Dia da Consciência Negra e Dia Nacional de Zumbi dos Palmares
- 25 - Dia Internacional De luta contra a Violência à Mulher



PLANEJADOR 2025 ASSISTENTE SOCIAL

é tempo de **PULSAR** resistência para nossa existência
Uma publicação do Conselho Federal de Serviço Social - CFESS
Gestão 'Que nossas vozes ecoem vida-liberdade' (2023-2026)

CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL



P.15

DEZEMBRO

segunda	terça	quarta	quinta	sexta	sábado	domingo
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				



A GENTE
PULSA
COM PROMISSO
ÉTICO

CALENDÁRIO DE LUTAS

- 01 - Dia Mundial de Luta contra a Aids
- 03 - Dia Internacional da Pessoa com Deficiência e Dia de combate ao uso dos agrotóxicos
- 07 - Aniversário da Lei Orgânica da Assistência Social - LOAS (1993)
- 10 - Dia Internacional dos Direitos Humanos
- 19 - Aniversário do Estatuto dos Povos Indígenas
- 25 - Natal



JANEIRO



A imagem de uma profissão como o Serviço Social é recheada de quadros diversos, retratados por um cotidiano de desafios, tendo como pano de fundo uma história de contradições e disputas forjadas na luta coletiva da categoria, sendo um retrato preenchido com nosso arcabouço teórico-metodológico, ético-político e técnico-operativo, que enfrenta o retrato do senso comum diante das raízes tradicionais que insistem em tentar enquadrar nossa história no conservadorismo e sufocar a atuação profissional diante da rigidez neoliberal.

A gênese do Serviço Social como práxis desenvolvida dentro de um processo histórico, para atender às demandas produzidas nos conflitos da sociedade burguesa e em suas contradições, dão o tom dos embates reavivados em tempos de ascensão do conservadorismo. A

percepção crítica das últimas décadas, ao desvelar esse postulado, permitiu uma reflexão profunda dos limites e das possibilidades da esfera da atuação profissional diante do quadro atual da relação capital-trabalho.

O cenário desafiador coloca o dilema iminente dos projetos individuais que se formam nesta conjuntura, por vezes, com vieses muito desconectados dos compromissos coletivos, se deparando com o projeto profissional do Serviço Social e seu apontamento para um projeto societário não hegemônico. Nessa arena, o exercício da coletividade impõe o conhecimento da história, o reconhecimento da categoria e a responsabilidade ética diante do moralismo, do fatalismo e do autoritarismo pujante. Por isso, o Serviço Social crítico, criativo e propositivo, assim como ele se constrói hoje, nunca foi tão necessário.

Após anos de acúmulo profissional, a conjuntura fortalece um impasse: reafirmar a construção ético-política em tempos de crise do capital. Essa direção é reforçada sob a dedicação coletiva da categoria profissional, tarefa expressa em suas entidades, no Conjunto CFESS-CRESS (Conselho Federal e Conselhos Regionais de Serviço Social), na Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (Abepps) e na Executiva Nacional de Estudantes de Serviço Social (Enesso). Essa articulação se apresenta em ações que envolvem a relação com diversos movimentos sociais, mas se realiza na afirmação laboriosa de cada assistente social em seus espaços de trabalho, retratando uma práxis comprometida diante da precarização dos espaços sócio-ocupacionais.

A mobilização coletiva contra o racismo, o machismo, a misoginia, a LGBTQIA+fobia, a xenofobia, o

capacitismo, o etarismo e qualquer forma de expressão de desumanização tem os pilares ético-políticos que orientam o trabalho, a partir de um processo rigoroso em defesa de uma prática laica e socialmente referenciada que, a partir dos fundamentos teórico-metodológicos acerca da questão social e suas expressões, entende o caráter unitário de tantos elementos que surgem na cotidianidade.

O retrato do Serviço Social brasileiro tem o tom da resistência que demonstra sua coerência em cada ação profissional direcionada para o arco de possibilidades reais, para a ampliação da dignidade da vida dos sujeitos da classe trabalhadora. A quantidade de desafios que se apresentam é respondida com a coerência e a coragem de quem defende a vivacidade de um mundo diverso, diante de uma sociedade que insiste em conservar a desigualdade.

FEVEREIRO



Não há como plantar palavras e colher práxis. A radicalidade democrática exige ir à raiz desta sociedade, constituindo seu entendimento e cultivando sua superação. Se uma árvore robusta necessita de uma raiz forte, a radicalidade dos direitos humanos, civis, políticos e sociais sempre foi uma planta frágil, pois se fundou sem profundidade para a maioria da humanidade. O estudo da história demonstra que a democracia nunca foi uma dimensão concreta e universal. Seja na concepção clássica, seja em sua versão burguesa, nas múltiplas formas de materialização, todas elas passaram distantes da efetivação da emancipação humana.

Na sociedade capitalista, os frutos da democracia formal costumaram apodrecer rapidamente, chegando tarde e de forma enviesada para mulheres, negros(as), povos não europeus. Em suas dimensões históricas, a emancipação política da sociedade do capital limitou a concepção de ser humano aos ditames do ethos burguês, assim sendo, entendendo como ser humano livre (ou cidadão) o sujeito "homem, branco e detentor de propriedade".

O alargamento do "sujeito de direito" só veio com a organização da classe trabalhadora e com o avanço da luta daquelas pessoas que foram historicamente oprimidas e que intensificaram a pressão política, ampliando a conceituação fundamentada no iluminismo e na Revolução Francesa, impondo, em níveis maiores ou menores, a representação, a participação e algumas garantias que, pelos limites estruturais, foram importantes conquistas civilizatórias sem, no entanto, jamais poderem se realizar em sua radicalidade.

Sabemos que, para o capitalismo existente nos territórios colonizados,



essa democracia teve limites ainda maiores. Seja em tempos de aparente normalidade eleitoral ou nas conjunturas de autoritarismo explícito, o espraiamento das fronteiras do capital impediu o exercício da cidadania para a maioria das trabalhadoras e dos trabalhadores.

No atual estágio de crise estrutural, as abstrações democráticas têm se tornado um tronco morto e carcomido, que escora as engrenagens das políticas liberais, alimentando preconceitos, para abrir caminhos a novas ameaças do fascismo roendo os seus alicerces. Quando a democracia se converte em uma formalidade, como tem sido nos últimos séculos, ela também se decompõe numa sustentação delicada para a ordem do capital e seus constantes riscos de desmoronamentos, distanciando-se de seu sentido para a classe trabalhadora e abrindo caminho para os valores conservadores e reacionários se fortalecerem.

A semente de uma democracia substantiva prescinde de que cultivemos sementes de luta coletiva, regadas com o esperar de todas as pessoas exploradas e oprimidas, mas adubadas com a práxis efetiva. É preciso preparar cotidianamente as condições estruturais para que a árvore de um mundo emancipado possa crescer.

O terreno desse plantio é a história. Os poderosos e as poderosas insistem em deixar o solo infértil, mas as mãos das pessoas que trabalham são aquelas que também podem regar um mundo onde, mais do que palavras, todas tenham direito aos frutos produzidos pela humanidade, àquelas que virão das flores de uma liberdade tão concreta, que terá suas raízes dentro de nós.



Onde impera a violência não há liberdade. A desumanização capitalista tem a estrutura da alienação, referendando a desumanização de sujeitos coletivos, identidades, culturas e valores em toda a sua inteireza. Embora muitas pessoas insistam em fragmentar a análise da unidade exploração-opressão, sua realização ocorre como um todo. Afinal, as pessoas atingidas por ela são impossíveis de serem fracionadas. As suas lutas diante da violência estrutural também não se concebem em seções.

No dia 14 de março de 2018, Marielle Franco teve seu corpo alvejado quando saía da Casa das Pretas no Rio de Janeiro (RJ). A mulher negra, bissexual, mãe, favelada e socialista, que dizia ter começado sua militância após perder uma amiga por bala perdida, teve sua vida interrompida por balas que

encontraram seu corpo, não por acidente, mas para silenciar uma voz contra o racismo, o heterocispatricado e todas as formas de desumanização.

Dias antes do atentado, em 21 de fevereiro de 2018, Marielle publicava em sua rede social, lembrando outro assassinato: "Na noite de 21 de fevereiro de 1965, no teatro Audubon Ballroom, Malcolm estava prestes a realizar um discurso quando três homens invadiram o palco e atiraram à queima-roupa. Ele tinha apenas 39 anos quando foi assassinado. Articulado, apaixonado e um orador nato, Malcolm X incentivou os negros a se livrarem das algemas do racismo. Malcolm X foi um ativista pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Seu pai, ativista, foi assassinado em 1931 por membros da Ku Klux Klan".

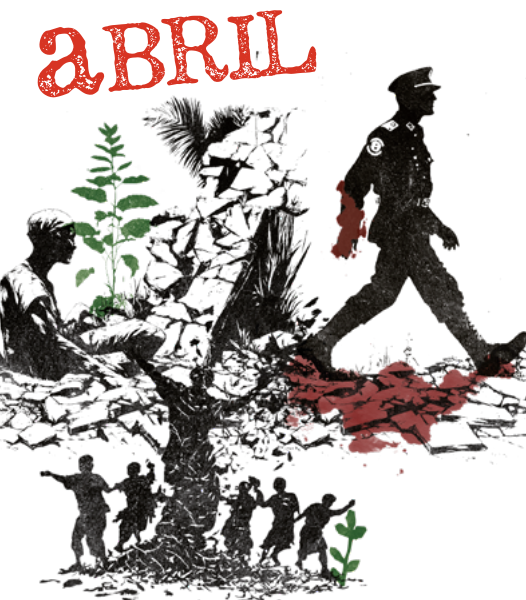
As mortes aqui relatadas não têm pontos em comum por coincidência. O racismo, o machismo, a lgbtqia+fobia matam. A força do capital também é letal contra pessoas que lutam contra sua desumanização. Fred Hampton, liderança do movimento dos Panteras Negras, também assassinado, alvejado pela polícia estadunidense em 4 de dezembro de 1969, discursara um ano antes em Illinois, onde disse: "Eu não acredito que vou morrer escorregando num cubo de gelo. [...] Eu acredito que vou morrer enquanto um revolucionário na luta proletária revolucionária internacional"

Embora o militante tenha indagado sobre o "por que não morrer pelo povo?", o seu horizonte era que todas as pessoas pudessem viver sendo povo. Em vida, Hampton buscou sua construção política na promoção de uma aliança denominada "Coalizão Arco-Íris", que incluía os Young Lords, formado por ativistas porto-riquenhos, e os Young Patriots, que eram

militantes trabalhadores brancos do sul estadunidense (CORREA, 2021).

A fala de Hampton não foi uma profecia, mas a constatação de um risco estruturalmente elevado, que se concretizou nele, em Malcolm X, em Marielle. Mulheres e homens alvos do sistema, em Estados ditos democráticos, com a mira potencializada por uma lente que leva em conta raça-etnia, gênero-sexo e o potencial de mobilização contra o status quo. Da polaco-alemã Rosa Luxemburgo (1871-1919), passando pelo guineense Amilcar Cabral (1924-1973), até Marielle Franco, muitas vidas se perderam.

Por todas essas pessoas e por nós, permanecemos desvendando, desnaturalizando e denunciando a violência estrutural, institucional e sistêmica e onde houver uma de nós, todas aquelas que tomaram estarão presentes.





Atendência de universalização das práticas fascizantes se aprofundam por diversos territórios do planeta. Isso revela que a ideia de uma característica antidemocrática como exceção na sociedade capitalista reproduz a visão dualista entre democracia-ditadura, coerção-consenso, quando o processo elástico da emancipação política confluiu sua unidade de contrários, de continuidade na descontinuidade, convivendo, inclusive, com a escravidão, o heterocispatriarcado e suas metamorfoses.

O fascismo clássico, radicalização do poder do Estado burguês como alternativa violenta, explícita e evidente às crises do capital da época - primeiras décadas do século 20 - foi articulado por uma necessidade histórica que perdeu hegemonia frente ao keynesianismo-fordismo e o Estado social europeu. Essa possibilidade adormecida nunca morreu enquanto possibilidade, muito menos sufocou seus elementos ideológicos. Por fim, não impediu que o autoritarismo e a agressividade contra as pessoas oprimidas permanecessem, aprofundando manifestações de seus princípios após o apogeu neoliberal.

O protoneofascismo contemporâneo revela nuances importantes que manifestam a agudização do papel do Estado para o capitalismo e sua destrutividade. O binômio força-consenso se faz presente no cotidiano. Ele se espalha na violência autorizada contra a diferença e a divergência. A forma limitada da democracia representativa e as distorções potencializadas pela mídia, pelo fundamentalismo religioso e pelo mercado carregam de bandeja uma consciência reificada, que legitima as opressões, esgotam direitos, arruinam políticas sociais.

Quando a conjuntura promove riscos à hegemonia burguesa, o Estado aprofunda suas medidas rumo à manutenção da ordem. Assim, o complexo estatal pode sobressair dos limites democráticos, trajetória autoritária já anunciada em meados do século 19, no 18 de Brumário de Luís Bonaparte (Marx, 2011). Na atual conjuntura, a defesa e propagação de sua característica autocrática não passa somente pelas estruturas clássicas, mas por mecanismos contemporâneos.

Não se trata de um retorno ao passado, mas de uma necessidade atual do capital. Atravessando particularidades regionais, amortecendo possibilidades organizativas da classe trabalhadora, apostando nos valores individualistas e numa pulsão violenta, o Estado capitalista contemporâneo vai se solidificando na disputa da parcela da riqueza socialmente produzida, com sua fração absorvida pelo fundo público para a aplicação direta no capital.

Mais do que uma farsa repetitiva da tragédia fascista, o revisionismo histórico na atual conjuntura constitui-se de instrumentos complexos, sofisticando a batalha das ideias, protagonizada pela intolerância e violência contra os sujeitos historicamente oprimidos, impondo a emergência de refletirmos sobre as estratégias e táticas para aglutinar pessoas em busca de uma sociabilidade com sentido.

Em tempos de ódio, a avalanche do falseamento da realidade aposta no simulacro. Contra isso, temos a realidade, o cotidiano que precisa ser recheado pela solidariedade, pela abertura do diálogo, capaz de se conectar com o outro e descortinar o teatro da barbárie com a concretude da práxis unitária.



A mulher negra nascida nos anos 1920, filha de uma costureira e de um mecânico, que nos anos 1940 se formou em Enfermagem, depois, em Serviço Social, se dedicando ao trabalho por décadas, atuando numa das mais marcantes experiências de saúde mental do Brasil no século 20, no Hospital Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro (RJ). Enquanto testemunhava a arte no seu espaço profissional, ela também tecia sua trajetória na música, se tornando não somente umas das primeiras assistentes sociais negras, mas uma das principais compositoras e cantoras do Brasil.

A paraibana, filha de um seleiro e de uma dona da casa, que se esforçou para permanecer nos estudos, mudando de cidade, de estado, de região, apurando seu olhar para tudo que vivera e as dimensões políticas por trás de cada direito negado aos seus e aos de sua classe. Migrante, entre o trabalho como assistente social na

maior cidade do Brasil e sua militância que se aprofundou, intensificando a atuação na política, chegando ao posto de prefeita da capital e ao exercício de mandatos legislativos na câmara federal.

A jovem que saiu de sua comunidade indígena para estudar na capital mato-grossense, atravessando a ponte que ostenta o título de “capital do agronegócio”, vivenciando a formação crítica do espaço acadêmico e dialogando com ele a partir da experiência dos impactos vividos pela expropriação. Voltando ao seu território, trabalhando como assistente social, passa a compor uma das mais antigas organizações de mulheres indígenas do estado, denunciando o descaso do poder público diante de tantas violências históricas.

A travesti negra da periferia de Fortaleza (CE), a primeira pessoa da sua família com um diploma de curso superior, a primeira travesti de seu curso e a primeira a ser assistente social da defensoria pública do seu estado. Pautando a dignidade das pessoas lgbtqi+ em todos os espaços da vida, atuando na política, ousando sonhar e viver, enquanto permanece na direção dos estudos, para aprofundar tais debates na pesquisa, na formação profissional e no cotidiano da classe trabalhadora.

Foram, são e serão muitos exemplos. Mobilizando usuários da política de assistência para o conselho de direito numa pequena cidade tomada pelo primeiro-damismo; atuando num Centro de Referência de Assistência Social (Cras), numa periferia de uma metrópole e se articulando em defesa do Sistema Único de Assistência Social (Suas), para enfrentar o fisiologismo político; num Centro de Atenção Psicossocial (Casp) de uma grande cidade, fomentando assembleias de usuários e usuárias por uma política



antimanicomial e antimedicalizante; dentro de um hospital, desnaturalizando o processo de patologização da questão social e o império do modelo biomédico; fomentando atividades articuladas com profissionais de outras áreas no sistema socioeducativo, para que adolescentes tenham direito à cultura e cidadania; tentando qualificar o atendimento para garantir o direito de um usuário do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS); imprimindo uma prática laica em um Centro ed Referência Especializado de Assistência Social (Creas) que enfrenta o avanço do moralismo religioso; construindo um fórum de estudantes de uma escola para pensar assistência estudantil.

É assim que se forma o mosaico plural e resistente do retrato do Serviço Social brasileiro. Uma pintura preenchida por muitas mãos e pelas cores daquelas pessoas que trabalham enfrentando o quadro obscuro das desigualdades sociais.



Os fios condutores do avanço do conservadorismo costuram as fantasias do capital num tecido que é formado pelo suor daqueles e daquelas que trabalham. O Mapa da Desigualdade de 2022 (Chancel et al, 2021) demonstrou que os 10% mais ricos do planeta capturaram 78% da riqueza produzida. Em contrapartida, mais da metade da população mundial ficou com apenas 2% do que foi produzido coletivamente.

A unidade exploração-opressão tem sua complexidade mais evidente na América Latina e no continente africano, onde é experimentado o padrão mais agudo das barreiras civilizatórias e se realizam suas formas mais complexas de rebaixamento do valor-trabalho e de subjetivação de seu ethos desumanizador.

Enquanto se aprofundam os mecanismos de exploração da classe trabalhadora, se sofisticam também as formas de esconder o fundamento do mundo do trabalho. Em tempos dos modismos do ideário empreendedor, o véu da propaganda meritocrática tenta mascarar a essência dos trabalhadores, fantasiando sua identidade como donos de sua própria desumanização, amortecendo a possibilidade de uma consciência de classe para si e propagando a responsabilização individual pelas condições promovidas no antagonismo capital-trabalho.

Sua destrutividade se aprofunda quanto mais seja necessária para a garantia da ampliação das taxas de lucro e, por isso, a reestruturação produtiva, desde os anos de 1970 com o modelo de acumulação flexível e os arranjos atuais de plataformação do trabalho, apontam regressões nas garantias trabalhistas e nas condições de vida. Esse processo, que atualmente joga

parte da classe trabalhadora dos países centrais na informalidade, reflete parcialmente condições históricas conhecidas por grande parte da humanidade, que vive nas margens do capital, especialmente os sujeitos e identidades historicamente oprimidas.

As teias ideológicas vão costurando um patamar ainda mais complexo no âmbito do estranhamento internalizado na lógica da unidade exploração-opressão. Sendo o irracionalismo uma forma particular de ideologia reacionária, não é uma surpresa que o negacionismo e a intolerância sejam as expressões significativas dessa barbárie.

Nessa esteira, um nó fetichizado conduz à complexificação dessa lógica nas relações objetivas e formação subjetiva, objetificando tudo e expressando valores que se materializam no campo das relações interpessoais. A desigualdade, em unidade com o individualismo, impulsiona a competitividade entre pessoas exploradas e oprimidas. Em busca de manutenção da vida privada e de afirmação de sua humanidade desumanizada, trabalhadores e trabalhadoras seguem naturalizando e se vestindo do ethos burguês em busca de reconhecimento, identidade e sentido numa sociabilidade sem sentido.

O falseamento do real exige que busquemos os dados de realidade e não deixemos nos enganar: a riqueza social continua sendo produzida em abundância, enquanto a escassez permanece sendo propagada. O espelho do capital não reflete a efetivação do ser social. Os laços potencializados pela diversidade humana seguem suprasumidos na linha de construção de um mundo novo, onde as fantasias do capital sejam uma alegoria vencida e as identidades se firmem nas práxis de uma humanidade plena.



JULHO

Sabemos que não há capitalismo sem racismo e sem desigualdade de gênero-sexo. Quando analisamos a venda de sua força de trabalho, são as mulheres, os(as) negros(as), a população LGTBPQIA+ e os(as) imigrantes que se tornam a ponta de lança das manifestações mais evidentes da unidade exploração-opressão. Os pilares estruturais historicamente demarcados se aprofundam na conjuntura protagonizada pelo neoliberalismo, catalisando as expressões da questão social e explicitando suas dimensões moralistas e mais precisas do âmbito da reprodução social.

O Serviço Social é feito de gente. Mulheres, negras, LGBTQTs, trabalhadoras(es) brasileiras(os). Assistentes sociais vivenciam cotidianamente as condições agravadas pelo apogeu neoliberal. Uma profissão eminentemente constituída por mulheres,



historicamente subalternizada e politicamente posicionada, se encontra numa faixa capciosa da realidade, encarando de modo visceral o caráter objetivo e subjetivo da unidade exploração-opressão.

No campo imediato, os desafios agudos da complexificação da exploração aparecem enquanto lidamos com nossa própria precarização, dada a hegemonização de contratos de trabalho fragilizados e outros fatores que atingem o mundo do trabalho. Eles se aprofundam com a condição da população usuária das políticas sociais, cada dia mais necessitada e, por fim, se consolidam com a degradação dos espaços sócio-ocupacionais, impactados com o modelo de gestão, com os retrocessos legislativos e cortes orçamentários. Por tudo isso, a realidade da práxis profissional não nos permite esquecer nosso compromisso de classe.

A atualidade da sociedade burguesa é também atualidade da questão social. Por consequência, também é a atualidade do Serviço Social. A realidade impõe a pertinência e a potencialidade construída no acúmulo crítico das últimas décadas. Afinal, tal amadurecimento ético-político instrumentaliza assistentes sociais para uma postura investigativa e interventiva, que visibiliza as mediações naturalizadas entre as condições imediatamente dadas de pauperismo e as determinações do âmbito das opressões. Essa capacidade é decisiva dentro de espaços de trabalho tão desafiadores.

Nesses tempos opulentos para poucos e escassos para muitos, a luta por garantia de direitos básicos precisa ser sustentada como ponto de partida concreto para demonstrar onde começa

e porque se dissemina o abismo social capitalista. Apoderar-se de melhores condições para o Serviço Social é também avançar nas conquistas para a classe trabalhadora, a partir do avanço de políticas sociais universais, com contratos não precarizados e, não menos importante, com usuários e usuárias das políticas sociais mobilizados, conscientes de seus direitos, exercendo o controle social e popular e pressionando o Estado por melhores serviços e uma direção efetivamente democrática para o fundo público.

Nossa mobilização é uma exigência histórica. Necessário para a classe trabalhadora, o Serviço Social existe, persiste e resiste, também e principalmente, porque faz parte desta classe e enxerga dentro dela a complexidade das desigualdades e a potencialidade de sua superação.

AGOSTO



Não há cortina de fumaça. A unidade exploração-opressão é o combustível da barbárie. As metamorfoses do capital-imperialismo promovem uma hegemonia que empreende sua força repressiva, destacadamente sobre os sujeitos historicamente oprimidos, e permanece garantindo a naturalização histórica da estética do ethos burguês, proporcionando a política de violência, encarceramento, patologização, moralização e extermínio de sujeitos da classe trabalhadora mediamente implicados nas dimensões mais desumanizadas do capitalismo racista e heterocispatriarcal.

Nesse contexto, não é raro encontramos análises reducionistas sobre a extrema direita, baseadas em uma visão anacrônica e romântica do liberalismo burguês e, por isso, sugerindo uma suposta incoerência com o que se chama de coalizão ultra neoliberal com os setores neoconservadores e reacionários. Nessas posições, há quem sustente que os processos de explanação de posições intolerantes e discriminatórias de ordens racistas, machistas, misóginas, LGBTQIA+fóbicas e xenofóbicas seriam meras táticas de agitação e propaganda moralista, para desviar a atenção da opinião pública, enquanto se aprofunda a exploração da força de trabalho.

Seja nessas conclusões superficiais, costumeiramente chamadas de “cortina de fumaça”, seja na já conhecida capitulação das bandeiras de luta contra a opressão por setores liberais, persevera um caráter analítico frágil diante da essência desses fenômenos e suas expressões objetivas e subjetivas dentro da política. É preciso destacar que a unidade liberal-conservadora é uma expressão política da unidade exploração-opressão, elemento estrutural

presente nas condições originárias da sociabilidade capitalista e dimensão vívida e necessária para as tarefas atuais da manutenção do capital.

Diante da unidade exploração-opressão, só uma luta unitária pode superar a complexa estrutura alienada que sufoca a humanidade. A suposta fumaça da cortina moralista que se amplia na atual conjuntura tem a combustão de corpos de pessoas oprimidas que vivenciam historicamente as dimensões mais imponentes da exploração da força de trabalho.

A forma e o conteúdo político da extrema direita não podem ser considerados um mero usufruto tático do moralismo; afinal, o desenvolvimento da expropriação, em seu fundamento originário e em sua realização atual, explicita um elemento de objetivação do distanciamento das condições materiais de vida e existência, esvaindo identidades, culturas e valores entre os sujeitos oprimidos, fator que se insere na produção social da mercadoria força de trabalho, rebaixando seu valor e imprimindo desigualdades materiais dentro da própria classe trabalhadora.

A luta de classe exige o reconhecimento da unidade do diverso como dimensão concreta e o desvendamento das desigualdades distintas com uma conexão unitária. Essas não são tarefas meramente interpretativas, mas condições para a ação coletiva. Fortalecer um caminho unitário por um projeto de sociedade de superação da unidade exploração-opressão não é somente a melhor alternativa, mas a única capaz de promover a manutenção da vida das pessoas oprimidas e exploradas e de constituir a verdadeira diversidade humana.



A destrutividade ontológica do capital constitui também essa mistificação composta por uma ética alienada, circundando a ampliação da produtividade para fins privados, como o valor principal do que se considera a humanidade na modernidade: a particularidade histórica pautada no ethos burguês.

O ser humano, como uma abstração da particularidade burguesa, se materializa como aquele que mais se encaixa na relação capital-trabalho, na modelagem e normalização dos corpos mais produtivos, na normatização dos hábitos circundando os processos de trabalho, na saúde concebida com o grau de aptidão e adaptabilidade à forma de organização econômica, no apagamento de civilizações não ocidentalizadas e na naturalização de uma suposta essência humana meritocrática que predomina sobre a natureza.

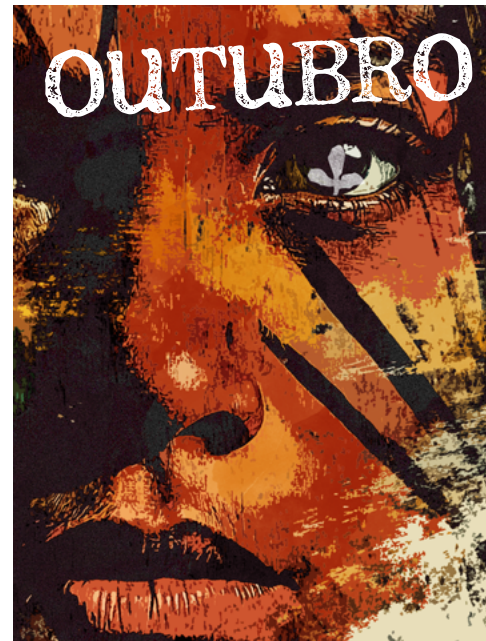
Esses fundamentos cercam a história da expropriação, além de atravessar questões como adultocentrismo, etarismo, capacitismo, naturalização da dominação e do sofrimento animal, entre outros temas que se realizam numa subjetivação concentrada no valor de troca, na desumanização do sujeito trabalhador e na essencialização do individualismo.

Portanto, o modelo de sociedade em que vivemos é capitalocêntrico. Seu núcleo é a exploração que afoga a existência da humanidade sob o desenvolvimento econômico como imperativo de uma classe social.

Refletir sobre essa tensão e sobre como o Estado lida com as consequências desse processo, por via das políticas econômicas e sociais, é uma questão urgente para descortinar a essência da questão ambiental e pensar a intervenção profissional, especialmente na

particularidade brasileira, dados os biomas aqui constituídos, a nossa formação sócio-histórica e a constatação de que a dilapidação do planeta impõe aos sujeitos explorados-oprimidos as consequências imediatas e irreversíveis desse projeto.

Nessa conjuntura, várias lutas sociais extrapolam a dimensão particular para atingir o âmago da estrutura antidemocrática que se coloca na defesa dos interesses do capital. As lutas por habitação, terra e território, por soberania nacional e garantias plurinacionais aos povos originários e tradicionais, a defesa do acesso à água potável, por segurança alimentar e processos produtivos não predatórios e sem riscos à saúde de seres humanos e da natureza, acabam por pautar a necessidade de outra sociabilidade, desnudando o caráter autoritário do mercado, frente às reais necessidades das pessoas.



Das condições materiais às condições subjetivas, é geral a repulsa a uma vida desumanizada, impulsionando uma insatisfação tão gritante, quanto acrítica. O ódio destilado pelos exploradores se espalha por nós, pelas nossas culturas e relações, pelas nossas crenças e afetos, pelos nossos sotaques, valores e identidades. Diversos como seres sociais, desiguais como pessoas subjetivadas no tipo humano da sociedade burguesa, sobrevivemos identificados(as) com o ódio e a repulsa fetichizada do mundo da mercadoria.

O racismo, o machismo e tantas outras formas do complexo da reprodução social de realização da unidade exploração-opressão são expressões das condições materiais que limitam a efetivação da diversidade. A universalização de um "tipo humano" forjado na sociedade do capital serve como padrão da humanidade desumanizada e tem no individualismo uma chave importante dos seus nexos singulares, morais, políticos e estéticos.

Por isso, combater a aparência individualista que esconde a essência das classes sociais é uma tarefa fundamental no descortinamento da unidade liberal-conservadora. É o indivíduo que vende sua força de trabalho para sobreviver; é ele que disputa com outros indivíduos em busca de melhores condições, é também o indivíduo que vivencia a lógica da unidade exploração-opressão.

No campo imediato, as expressões da questão social vão tomando o cotidiano de todos os sujeitos explorados e oprimidos. Quando não há sentido emancipatório, os indivíduos olham a pobreza, o desemprego, a violência, a falta de moradia, a luta diária por uma vaga no transporte público, a vida e a

A ideia do progresso e desenvolvimento econômico como chave para os problemas sociais tem produzido a devastação da natureza com impactos decisivos para a humanidade, sobretudo para as pessoas que vivenciam as expressões mais graves da questão social.

Diante dessa constatação, nos acostumamos a falar (ou a ouvir) que o problema está no modelo antropocêntrico de progresso. No entanto, essa afirmação carece de melhores mediações. Não vivemos numa formação social em que o ser humano é a centralidade. Nos últimos séculos, o desenvolvimento hegemônico nunca apontou para os interesses da humanidade.

A centralidade do valor é a condição material decisiva do desenvolvimentismo que se tornou sinônimo de desigualdade.



morte; olham o todo e enxergam a si mesmos como uma solução inviabilizada e “o outro” como empecilho.

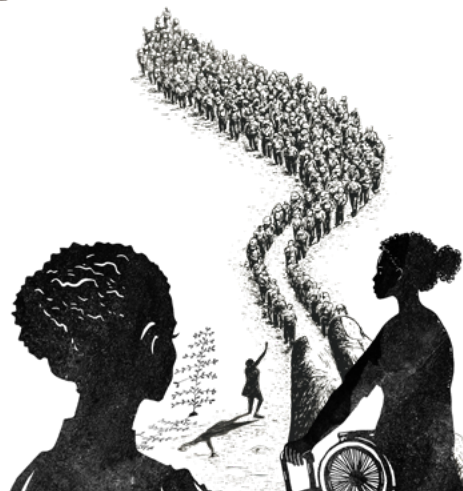
O ser humano que não se reconhece no que faz, em como vive, no que produz, que não se reconhece naqueles que comungam da mesma condição, persegue uma caricatura de quem o explora como uma identidade a ser apropriada. Nessa busca, acaba por se tornar o espectro do que repulsa, mascarando as suas manifestações imediatas, para viver a desumanização, coisificando o ser comum e o diferente, desumanizando a si mesmo e suas relações.

Numa sociabilidade desumanizada, os sentimentos desumanizados são a hegemonia. Numa sociabilidade de classes, o ódio é essencialmente de classe. Não necessariamente ele tem teleologia; por isso, não é exatamente direcionado para a essência do que o produz. Ao contrário, quando os processos privilegiam a naturalização, é no cotidiano que o ódio se destila.

Assim, a luta pela diversidade humana compõe uma potência substantiva. Cada característica do ser social e de suas alternativas e possibilidades são constitutivas de sua construção coletiva. Nesse sentido, a ética é uma práxis imprescindível na luta por radicalidade democrática. Ela é a chave para encontrar os caminhos para direcionar a insatisfação para a essência do que produz o ódio, a desigualdade, buscando sedimentar a construção da diversidade.

Só assim poderemos constituir os sentimentos emancipatórios, para efetivar identidades emancipadas, observando tudo que somos e tudo aquilo que poderemos ser como sujeitos coletivos promotores de individualidades, sem as amarras das cercas da burguesia.

NOVEMBRO



Ainda que estejamos num período de refluxo e que não haja a explícita pujança de sua força no espaço público, é preciso não esquecer que a luta de classes é inerente à ordem do capital. Por isso, resistir é inerente à classe trabalhadora.

Não raramente, tratamos sobre a questão social se concentrando no conjunto de desigualdades, suas mediações e particularidades. Observando a atual conjuntura, precisamos enfatizar a dimensão da resistência, para pensar qual o patamar reivindicatório, suas estratégias e táticas, refletindo sobre o papel dos movimentos sociais e demais instrumentos de luta na atualidade.

Se na atualidade, a mobilização por reformas é inofensiva diante da realização da lei geral de acumulação capitalista e das tarefas do Estado

burguês, a construção do necessário enfrentamento estrutural tem a própria realidade da classe trabalhadora como um obstáculo imediato.

“O que fazer?” é a interrogação que nos persegue. Esta pergunta impertinente se torna incontornável para pensar a luta contra o conservadorismo e pela radicalidade democrática. Afinal, a liberdade será anti-heterocispatriarcal e antirracista, ou não será liberdade.

As dificuldades subjetivas de uma consciência emancipatória por parte da classe trabalhadora contrastam com as condições objetivas de alto desenvolvimento das forças produtivas. Assim, ao passo que, por um lado, se apresentam as condições materiais de socialização da produção do trabalho, por outro, se arregimentam processos de alienação que atravessam a vida de indivíduos.

Por isso, a possibilidade de uma luta que vá à raiz dessa sociabilidade tem esbarrado nas próprias condições materiais do povo. Ao passo que romper a estrutura da desigualdade é uma necessidade; nas questões conjunturais, impera a precisão de resistir aos ataques imediatos, para garantir mínima sobrevivência, vislumbrando o protagonismo político sob a aposta de pautas fragmentadas, assumindo o caráter concorrencial entre pessoas exploradas-oprimidas.

Desvendar as mediações que concretizam a unidade exploração-opressão perpassa pelo fortalecimento de processos de disputa da classe trabalhadora, buscando superar essas dificuldades impetradas pelo sectarismo e fatalismo liberal. Encontrar os elos nas condições imediatas e construir uma corrente cotidiana no seu potencial de diversidade, subsumido à desigualdade pela estrutura alienada, é um caminho

para retomar a organização da classe por um projeto comum que supere a unidade exploração-opressão.

É preciso renovar a articulação de uma luta que pronuncie as pautas concretas das questões contíguas da vida de trabalhadoras e trabalhadores e a construção de um outro projeto de sociedade. Esse processo só será amadurecido com a confiança e a vivência prática, em que, finalmente, se possa avançar a consciência diante das camadas de fatalismo, despolitização e individualismo.

A realidade é o princípio e a conclusão do caminho político para efetivação desta tarefa. A organicidade deste processo exige presença na vida cotidiana, aprendizado da escuta, exercício da criatividade e produção de espaços de autonomia como mediações para o pertencimento e o reconhecimento da unidade do diverso.



A GENTE
PULSA
COM PROMISSO
ÉTICO

DEZEMBRO



E tempo e espaço de resistir e reexistir. Por tudo que pudemos fazer ontem e por tudo que somos hoje, apesar da barbárie, se quisermos, faremos também o amanhã. Uma caminhada que precisa ser traçada nas trilhas dos saberes do povo, na cultura daquelas pessoas que amanharam a solidariedade como condição de sobrevivência.

Povos das florestas, dos rios, dos mares, do sertão, povos originários. Assim foram (e são) chamados aqueles que semearam configurações de vida em que as formas produtivas adoleceram sentidos comuns. Enquanto realizaram o trabalho, observando sua unidade com o meio natural e social, muitas comunidades semearam não somente aquilo que sacia a fome, mas cultivaram a convicção de sua conexão com tudo aquilo que existe para manter viva a sociabilidade.

Essas não foram experiências idílicas, nem havia nelas as condições materiais para uma emancipação humano-genérica, muito menos são sociedades isentas de questões a serem pensadas ou que precisem de romantização. No entanto, elas resguardam uma distinção importante diante da mundialização forçada da ordem do capital, pois abrigam um nível de solidariedade extraordinário, demonstrando os elos necessários para a preservação da vida humana e da natureza.

Comunidades que tentam sobreviver à dilapidação da sociedade da mercadoria, assim como fazem trabalhadoras e trabalhadores nas periferias e em outras margens desenvolvidas pela alienação; são as expressões de onde devemos buscar as passagens para a luta coletiva. Diante da barbárie, tais constatações permanecem nos campos e nas cidades, são preservadas

pelos sujeitos que teimam diante da coisificação que submerge o ser social a uma materialidade destrutiva.

Enquanto a ótica da democracia representativa afirma o poder do indivíduo abstrato, os saberes tradicionais e populares, as experiências de solidariedade da classe trabalhadora e todas as práxis que apontaram para um sentido emancipatório, realizam tecnologias para enfrentar esse presente desastroso. Se a conjuntura atual reverbera fatalismo, é preciso olhar o horizonte, enfatizar essa capacidade humana, tantas vezes apagada pelo individualismo, e demonstrar a potencialidade da base coletiva para a realização de individualidades concretas.

É factual que a produção burguesa subsumiu a utilidade social ao valor de troca e, por isso, a inerência da aceleração do lucro acossa as condições de vida humana no planeta. A constatação dessa destrutividade demonstra que os saltos ontológicos, primeiro, do mundo inorgânico ao mundo orgânico e, posteriormente, e pelo trabalho, do mundo orgânico para o mundo social, têm na sociedade capitalista seu potencial de esgotamento. Mas pode haver amanhã. Se optarmos por cultivar outras raízes, este terreno pode ser transformado.

É preciso arar espaços em nos reconhecemos, em que nos enxerguemos nos sonhos e nas dores dos outros, em que nos encontremos nas lutas diferentes e na destreza do que nos é comum. A superação da sociedade centrada na mercadoria exige uma forma de vida em que o trabalho coletivo se realize sem aniquilar tudo que está ao seu redor e isso demonstra que, se quisermos construir um futuro, ele será o reino da diversidade e, portanto, também será ancestral.

CONTATOS CRESS

CRESS 1ª REGIÃO - PA
www.cress-pa.org.br

CRESS 2ª REGIÃO - MA
www.cressma.org.br

CRESS 3ª REGIÃO - CE
www.cress-ce.org.br

CRESS 4ª REGIÃO - PE
www.cresspe.org.br

CRESS 5ª REGIÃO - BA
www.cress-ba.org.br

CRESS 6ª REGIÃO - MG
www.cress-mg.org.br

CRESS 7ª REGIÃO - RJ
www.cressrj.org.br

CRESS 8ª REGIÃO - DF
www.cressdf.org.br

CRESS 9ª REGIÃO - SP
www.cress-sp.org.br

CRESS 10ª REGIÃO - RS
www.cressrs.org.br

CRESS 11ª REGIÃO - PR
www.cresspr.org.br

CRESS 12ª REGIÃO - SC
www.cress-sc.org.br

CRESS 13ª REGIÃO - PB
www.cresspb.org.br

CRESS 14ª REGIÃO - RN
www.cressrn.org.br

CRESS 15ª REGIÃO - AM
www.cress-am.org.br

CRESS 16ª REGIÃO - AL
www.cress16.org.br

CRESS 17ª REGIÃO - ES
www.cress-es.org.br

CRESS 18ª REGIÃO - SE
www.cress-se.org.br

CRESS 19ª REGIÃO - GO
www.cressgoias.org.br

CRESS 20ª REGIÃO - MT
www.cressmt.org.br

CRESS 21ª REGIÃO - MS
www.cress-ms.org.br

CRESS 22ª REGIÃO - PI
www.cresspi.org.br

CRESS 23ª REGIÃO - RO
www.cress-ro.org.br

CRESS 24ª REGIÃO - AP
www.cress-ap.com.br

CRESS 25ª REGIÃO - TO
www.cressto.org.br

CRESS - 26ª REGIÃO - AC
www.cress-ac.org.br

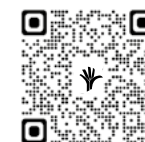
CRESS - 27ª REGIÃO - RR
www.cress-rr.org.br/



Escaneie o código com seu celular para acessar os dados completos dos CRESS e Seccionais



Abra o tocador "Spotify" no celular, vá em "buscar" no aplicativo e, no canto superior direito, clique na câmera para escanear este código!



Diponibilizamos também o planejador para computador e fundos de tela!



CFESS
CONSELHO FEDERAL
DE SERVIÇO SOCIAL

www.cfess.org.br

SIGA O CFESS
NAS PRINCIPAIS
REDES SOCIAIS!



@CfessOficial

